

**Feminismos Globais  
Estudos de caso comparados  
de Mulheres Militantes e Intelectuais**

**BRASIL**

**Maria Amélia (Amelinha) Teles**

**Entrevistadora: Sueann Caulfield**

**São Paulo, Brasil  
setembro de 2015**

**University of Michigan  
Institute for Research on Women and Gender  
1136 Lane Hall Ann Arbor, MI 48109-1290  
Tel: (734) 764-9537**

**E-mail: [um.gfp@umich.edu](mailto:um.gfp@umich.edu)  
Website: <http://www.umich.edu/~glblfem>**

**© Regents of the University of Michigan, 2017**

**Maria Amelia Teles**, nascida em 1944, é membro fundadora da União das Mulheres de São Paulo, uma ONG feminista especializada na luta contra violência doméstica, no empoderamento das mulheres e em seus direitos. Ex-membro do Partido Comunista Brasileiro e, nos anos 1970, vítima da tortura pelo regime militar que governou o Brasil de 1964 a 1985, Teles frequentemente dá palestras sobre feminismo e direitos humanos. Ela também é autora de vários trabalhos sobre história do feminismo e direitos das mulheres no Brasil.

**Sueann Caulfield** é Professora Associada do Departamento de História da Universidade de Michigan. Foi diretora do Center for *Latin American and Caribbean Studies* (LACS) (1999-2004) e atualmente dirige o *Brazil Initiative Social Science Cluster*. É especialista em história do Brasil contemporâneo, com ênfase em gênero e sexualidade. Ela recebeu vários prêmios e bolsas da *Fullbright Commission*, *National Endowment for the Humanities*, e *American Council of Learned Societies*. É autora de, entre outros, o livro *Em Defesa da Honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*, *Honor, Status and the Law in Modern Latin American History* (organizado em co-autoria com Sarah Chambers e Lara Putnam), e vários artigos sobre gênero e historiografia, e direito de família, raça e sexualidade no Brasil. Sua pesquisa atual versa sobre história da família, com particular ênfase na história da paternidade e legitimidade no Brasil do século XX. Ela é particularmente interessada no tema dos direitos humanos na América Latina, e vem participando de uma série de workshops, projetos transnacionais de ensino e intercâmbios sobre temas como justiça e ação social.

O **Projeto Global Feminisms**, localizado na Universidade de Michigan, foi iniciado em 2002 a partir de um financiamento para projetos interdisciplinares em parceria com instituições de outros países. O arquivo virtual inclui entrevistas com mulheres ativistas e intelectuais do Brasil, China, Índia, Nicarágua, Polônia e Estados Unidos.

Nossas colaboradoras no Brasil são pesquisadoras do Laboratório de História Oral e Imagem – Labhoi, da Universidade Federal Fluminense (UFF) e do Núcleo de História, Memória e Documento (NUMEM) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

(UNIRIO). As entrevistas no Brasil foram realizadas com apoio do *Third Century Learning Initiative* e *the Brazil Initiative at the University of Michigan* e, no Brasil, da FAPERJ e do CNPq.

**Sueann Caulfield: Essa entrevista do projeto Feminismos Globais é com a Maria Amélia Teles, a Amelinha, conhecida militante para a justiça social, para os direitos humanos no Brasil, líder pioneira do movimento feminista e também intelectual, pesquisadora e escritora de vários artigos e livros acadêmicos sobre o feminismo e sobre movimentos sociais. Então, na primeira parte eu queria perguntar a você sobre sua vida pessoal e sua atuação política nos anos setenta até noventa, depois vamos mudar para o período mais recente. Então, nossa conversa vai focalizar principalmente a sua atuação como mulher, líder de movimentos feministas desde os anos setenta, mas eu entendo que deve ser para você muito difícil, senão impossível, separar a totalidade da sua vida pessoal, em primeiro lugar, e a sua militância política mais ampla, em segundo lugar, do seu trabalho como feminista, entendo que deve ser muito interligado. Então podemos começar falando um pouco sobre sua vida pessoal, ou seja, onde você acha que começou seu feminismo, como é que você acha que a sua experiência familiar ou a sua criação influenciou a sensibilidade que levou você a articular mais especificamente seu compromisso com o feminismo.**

Maria Amélia Teles: Então, eu sou nascida de uma família de comunistas, então eu já participo da política praticamente desde a infância, porque o Brasil é um país de muitas contradições, de muitas lutas e sempre eu sou filha de sindicalista, portuário, então sempre tinha alguma reivindicação, e eu tomava partido já dos trabalhadores, porque já fazia parte da minha vida cotidiana. Agora, eu vou me tornar militante política na minha adolescência e vou trabalhar, vou procurar homens e mulheres para compreenderem também, para participarem da política. E aí eu só encontro homem, a primeira experiência minha é só trabalhar com homem. As mulheres nunca vão, eu chamo homens e mulheres, mas só vão os homens e as mulheres são proibidas pelos próprios homens, pelos companheiros, irmãos, os pais... Mesmo os pais comunistas, eles acham que a filha não pode ficar de noite fazendo reunião, isso eu estou falando dos anos sessenta aqui no Brasil. E aí então eu estranhava, porque eu ia, eu participava, mas sempre sozinha, então eu sou uma militante, mulher só, e eu faço muito trabalho com trabalhadores e tudo porque eu logo consegui entrar numa grande metalúrgica, eu passei no concurso. Tinha um concurso então todos os trabalhadores queriam aprender como passar no concurso, então eles me procuravam

muito, e eu lidava muito bem com essa mobilização deles. E de repente, quer dizer, existia nos anos sessenta um conflito muito grande no Brasil acirrado que acabou no golpe militar de 1964, e aí um pouco antes teve aquela Marcha com Deus, pela família e pela liberdade, e eu morava nessa época em Belo Horizonte, então eu me lembro muito bem, dia 19 de março de 1964: nesse dia eu não sei nem por que razão eu não fui trabalhar, e fui ficar lá no centro da cidade porque eu sabia que tinha marcha e eu queria ver como é que eles iam fazer, não que eu participasse, não, eu era contra aquela marcha. Marcha com Deus, pela família e liberdade era uma marcha da direita, da extrema direita, era a igreja católica, eram empresários, eram os militares, isso não é comigo, eu sempre fui do movimento popular. Mas eu queria ver como é que eles faziam. E de repente eu vi muitas mulheres, mas foi muitas mulheres, eu nunca vi tanta mulher junta na minha vida como eu vi nessa marcha, nunca, passaram-se décadas e aquilo ali foi marcante. E eram mulheres negras, pobres, faveladas, eram aquelas mulheres que eu ia lá com os homens buscar para convencê-las da nossa luta, a importância da nossa luta. Aquelas mulheres estavam contra nós naquele momento, não conscientes, evidentemente, depois eu descobri, mas aquilo me chocou tanto porque eu me lembro que eu estava na rua e eu chorava, sabe? Tinha dezoito anos, eu chorava muito, porque eu falava, gente, como é que as pessoas para as quais eu luto, que eu quero a liberdade delas, elas vão na luta contrária aos interesses delas próprias. E as mulheres ali, eu não me conformava... E era muito interessante, porque era assim, as mulheres brancas, as ricas, classe média na frente e as negras atrás, e todo mundo carregando cartazinho contra o governo, contra o comunismo, contra a reforma agrária. Eu falei “gente, tudo que elas estão precisando”. Eu acho que ali eu tomei conhecimento, de repente, conhecimento, não sei se é o termo, assim, bateu uma consciência, alguma coisa errada que nós fazíamos, que não era possível, quem devia estar com a gente está com eles, então me deu na cabeça alguma coisa, eu me questionei sobre aquele caminho que nós estávamos tomando. E logo veio o golpe. E veio o golpe, e meu pai foi preso, enfim, eu vivi na clandestinidade, só perseguição. E todas as vezes que eu tentava fazer a discussão junto com a esquerda eu era atropelada por outros acontecimentos, não dava para desenvolver a discussão. Eu ficava sempre engasgada porque eu queria discutir, mas tinha gente morrendo, tinha gente sendo presa, você tem que correr para ajudar aquele lá que a família está sozinha porque o companheiro foi preso, então eu tinha minhas tarefas de partido

porque eu trabalhava na imprensa, então não tinha a discussão. Mas mesmo assim, os pequenos artigos que você vai encontrar no Jornal A Classe Operária daquele período, você vai ver que tem alguma coisinha, um ou outro, são pouquíssimos, vão falar das mulheres, e quem escreveu fui eu, e eu escrevi...

**SC: Em que jornal, desculpe?**

AT: Sempre A Classe Operária, que era o jornal do partido em que eu atuava. E eu trabalhava para esse jornal, mas muito pequenos os artigos porque eu escrevia grande, mas eles cortavam, falavam que tinha coisas mais importantes, não dava. Mas e o mês que vem? Tem outro acontecimento. E nunca eu tinha o espaço, nunca, e eu fiquei assim até 1968. 1968 é um ano muito importante na vida de todo mundo que viveu aquela época. Alguma coisa mexeu na vida: foi a revolução sexual, foi a revolução cultural, foi muita revolução, da juventude...E aí começaram a entrar mulheres no partido, porque não tinha mulheres. Mas eu não podia falar com elas porque era tudo compartimentado, mas eu percebia e achava elas muito mais avançadas do que eu, aquelas mulheres, muito mais questionadoras, assim, no sentido de rebeldia, e eu ficava querendo imitar aquelas mulheres, entendeu? Porque eu achava aquilo, aquelas que estão certas, porque elas questionavam, as mulheres que entraram... Elas morreram, todas, morreram na guerrilha do Araguaia. As minhas referências feministas, ainda muito embrionário o processo, mas eu vi uma delas falando com um dirigente: “você que mude a sua atitude porque senão eu vou sair desse partido, esse partido tem que respeitar as mulheres”. E eu vi isso e eu achei tão bonito, falei, isso sim, e comecei também, eu comecei a me rebelar e logo eu fui presa também. Fui presa e toda a minha família, enfim, tem toda uma história de prisão, tortura, testemunha de assassinato e tudo, então toda aquela discussão que eu comecei a fazer mais uma vez foi interrompida. Mas aí no presídio, depois que passa tudo isso você vai para o presídio e lá são 23 mulheres presas políticas, e eu aprendo um pouquinho com elas também. É interessante que nenhuma delas, com exceção dessa que é ministra hoje, a Eleonora Menicucci, que foi minha companheira também de cadeia, companheira de cadeia, então ela é a única que se considera feminista hoje, é ela e eu praticamente. A Eleonora

Menicucci é ministra da Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres da Presidência da República e ela é feminista, é do movimento feminista, ela e eu, daquelas 23.

**SC: Ela era de que partido, na época?**

AT: De um outro partido, o POC, Partido Operário Comunista, e eu era do Partido Comunista. Mas tudo tinha quase que o mesmo nome, tudo era o mesmo nome, mas eram grupos separados e divergentes, mas eu era muito amiga dela, da Eleonora, sou até hoje,. E acho que ela e eu que somos as feministas, porque ninguém se declara naquela época não. Mas todas elas contribuíram muito para o feminismo sem ter consciência disso. Se você procurar as outras e falar com elas, então quer dizer que lá na cadeia vocês se tornaram feministas, elas vão falar “não, que isso, nunca me tornei feminista”, entendeu? Mas ali para mim ajudou muito, foi o primeiro coletivo de mulheres que eu participei, foi na cadeia. Eu falo assim: a cadeia é tudo prisão, tudo cerceamento, cheio de barreiras, mas eu tive essa liberdade de conviver com mulheres, quer dizer, contraditoriamente ou paradoxalmente eu convivi com as mulheres, foi muito bom. E dali eu saí, o dia que eu saí da cadeia eu fui...

**SC: Que ano foi?**

AT: 1974. Eu fui procurar emprego, procurar também outras formas de participação. Como é que eu vou participar da política? E as próprias mulheres que me ensinaram o que eu tinha que fazer porque eu fui procurar emprego, meu marido ficou preso, eu tinha duas crianças pequenas e tinha minha irmã grávida que teve bebê na cadeia, eu tinha que cuidar do bebê, então na verdade eram duas mulheres com três crianças para cuidar de tudo. E as mulheres que eram de desaparecidos políticos ou eram companheiras ou mães, ou filhas ou irmãs, elas me procuravam para saber se eu tinha encontrado os desaparecidos políticos delas lá na cadeia. E aí eu fui, nesse movimento eu fui chegando e foi engraçado, sempre as mulheres, sempre as mulheres, eu poderia citar várias mulheres, e teve uma delas que não era parente de desaparecido político, mas era da Comissão de Justiça e Paz da Igreja Católica, Margarida Genevois. E ela me procurou, falou “você não quer dar um depoimento sobre o que você passou lá dentro?” Era uma coisa bem clandestina, porque você não podia

nem denunciar, mas eu falei “vou”, e fui com ela lá, era até um porão, assim, ela me levou, eu fui lá, dei o depoimento...

**SC: Era porão de onde?**

AT: Era o porão da cúria metropolitana, eles faziam num porão onde eles pudessem...

**SC: Tinha os arquivos.**

AT: Depois tem os arquivos, mas eles vão colher depoimentos de uma forma que a polícia não chegue lá. Aí então ela falou para mim: “você sempre que puder denuncia a tortura que você sofreu”. Ela falou isso para mim, isso as mulheres me ensinam, e várias mulheres me ensinaram, eu tenho, assim, gratidão, o primeiro emprego que eu arrumo fora da cadeia é uma mulher que me ajuda...

**SC: Qual foi o emprego?**

AT: Foi um emprego numa escola de deficientes mentais aqui no Brooklin. E a dona da escola era uma mulher judia alemã. E eu fui, e o pessoal falava assim... Eu não conseguia emprego, nada, não conseguia. As pessoas olhavam assim, você não tem carteira assinada, o que você fez nos anos anteriores, então você não tem e então ninguém quer você. E aí ela falou assim, alguém falou comigo, procura essa mulher dessa escola do Brooklin que ela vai te dar emprego porque ela é muito compreensiva e muito solidária. Aí eu fui. Cheguei lá ela falou, mandou fazer uma prova, uma entrevista, aprovou e eu comecei a trabalhar, recebi o primeiro salário e...

**SC: Como professora?**

AT: Como professora, como tudo, eu fazia tudo que ela pedia. Se precisasse ficar com os meninos conversava, contava histórias, tinha um quintal enorme, porque lá parecia uma chácara, eu levava as crianças para brincar, criança, adulto, subia em árvore, nossa, tudo eu



fazia com eles. E aí um dia ela me chamou, logo depois do primeiro salário ela me chamou na sala dela. Quando ela me chamou na sala dela, e eu não falei com ela que eu tinha sido presa política, só falei com ela que eu precisava do emprego. Aí quando ela me chamou na sala dela eu disse, tem coisa, capaz de ela ter descoberto que eu fui presa política e vai me mandar embora. Porque esse estigma é muito forte, né? Você foi presa, você sabe que a sociedade toda te rejeita, você não precisa nem abrir a boca, as pessoas te rejeitam.

### **SC: Será por medo também?**

AT: Por medo, ex-presos, seja de qualquer sistema penitenciário todo mundo fica... Ainda mais naquela época, que preso político era considerado terrorista, era pesado, não é qualquer coisa. Então ela me chamou e eu falei, pronto, vai me mandar embora, que pena, eu pensei. E eu cheguei lá na sala dela e falei assim: “e aí, tudo bem? você me chamou”. Ela me falou: “eu te chamei sabe por quê? Você foi presa política?” Quando ela falou, você foi presa política, eu falei, pronto, tchau, eu vou ter que falar que eu fui e vou embora. Eu falei “fui”, ela olhou para mim e falou: “sabe por que eu estou perguntando?” Eu falei: “o que aconteceu?”. Ela falou: “não, porque os investigadores do DOPS, os policiais vieram aqui para falar para eu não permitir que você trabalhe aqui porque você é terrorista, está sendo processada na lei de segurança nacional e você não pode trabalhar aqui, sabe o que eu falei com eles? Ela vai trabalhar sim, aqui ela vai, ela está trabalhando, qual é o problema? Vocês estão processando, vocês que continuam processando, enquanto ela estiver em liberdade ela vai trabalhar aqui. E eles falaram, tem que demitir, tem que não sei o que, ela falou, olha, eu não tenho motivo para demiti-la. Quando ela falou assim para mim, gente, eu abracei ela e ela me abraçou e nós choramos tanto, uma chorava junto com a outra, e aí eu falei assim, nossa, ela chamava Ilo, ela morreu já tem alguns anos, eu falei assim... Gente, eu não sei o que te falar, eu não sei como te agradecer, porque você foi muito grandiosa comigo, muito generosa. Ela falou assim: “eu sou uma judia alemã, eu também fui perseguida pelos nazistas, eu vim aqui para o Brasil correndo dos nazistas, então eu sei o que você passa”. Eu falei: “olha, agora eu entendi, que você também viveu essa situação”. Porque ela foi tão generosa comigo, tão solidária e tão corajosa porque eles podiam fazer um ataque lá, fazer alguma coisa, uma ameaça, mas ela não teve medo não, ela falou, não, aqui nós somos umas

pelas outras. E eu fiquei amiga dela nesse dia para o resto da vida, amiga assim amiga do peito, fiz tudo, Ilo. Então as mulheres, eu não sou daquele tipo que acha que as mulheres são boas e os homens são ruins, não, isso não, mas as mulheres, eu encontrei mulheres muito generosas e muito solidárias. Quem foi minha advogada é essa doutora Rosa Cardoso que hoje está na comissão do Rio, que foi da comissão nacional da verdade, no dia em que eu saí da cadeia ela falou assim: “amanhã vou pegar um alvará e você vai sair da cadeia, o alvará de soltura”. Eu falei com ela: “Rosa, eu fico contente e ao mesmo tempo eu fico triste, porque para onde que eu vou? Eu tinha casa, mas eles desmontaram, eles te atacam, desmancham sua casa, tiram todos os seus pertences, roubam tudo que você tem, então você não tem nada. O que eu tinha, as roupas que eu tinha foram as próprias companheiras que me deram...”

### **SC: Seus filhos...**

AT: Meus pais, não, meus filhos têm uma história terrível, nossa. Meus filhos foram sequestrados e ficaram no centro clandestino de repressão que até hoje não consigo localizar, depois eles foram para a casa de um delegado e meus pais eram clandestinos e eu não podia nunca procurá-los, e eles moravam no Rio de Janeiro, não moravam aqui em São Paulo. Então, quer dizer, não tinha para onde ir, a Rosa virou para mim e falou: “você sabe para onde você vai? Você vai para minha casa, eu vou te levar para minha casa”. Que era ali na Alameda Santos, eu fiquei na casa dela o tempo que eu quis, e ela ainda fazia, chegava a fazer o trabalho de me dar um envelope cheio de dinheiro e eu falei, Rosa, o que é isso, eu estou na sua casa... Ela falou: “não, esse dinheiro não fui eu que estou te dando não, isso é as pessoas que mandam te entregar”. Mas que pessoas? “Eu não posso falar, porque é tudo clandestino e eu não posso te falar quem é”. Então eu nunca soube se foi a Rosa mesmo e inventou que eram outras pessoas, se eram outras pessoas, a Rosa nunca me falou, ela falou, eu não vou falar quem, não posso falar. Rosa, esse dinheiro é seu? Meu não é, isso as pessoas que... Então a Rosa me ajudou muito até que eu achasse esse emprego, e aí eu fiquei. Era sempre alguma. E quando foi em 1974, por conta dessa minha convivência com familiares de desaparecidos políticos, trabalhando, eu sempre trabalhei com segmentos muito sofridos porque também os familiares das pessoas com deficiência também eram

muito sofridos. Eles não eram politizados, mas eram muito sofridos, e eram muito solidários comigo. Todos os familiares que estavam lá naquela escola eu contava para eles a minha história, porque tinham muita amizade, era um vínculo muito grande afetivo que se criava. Então eles também foram muito solidários e me ajudaram muito, nossa, eu não tenho... E aí eu conheci um grupo de mulheres que lutava pela anistia política e que fez o Brasil Mulher, por isso que eu tenho esse livro “Da guerrilha à imprensa feminista”, porque o Brasil Mulher acabou sendo o primeiro jornal feminista daquela época, e eu participava deste grupo.

**SC: Qual o nome...?**

AT: Brasil Mulher, o jornal se chamava Brasil Mulher, era um jornal que tinha como princípio falar da luta pela anistia política, falar das perseguições políticas, mas que já desde o seu primeiro número já falava das mulheres negras, você vai ler ali das mulheres negras, das mulheres idosas, das mulheres simples, as mulheres faveladas, as trabalhadoras, então como eu já vinha com essa experiência dessa luta anterior eu ali já encontrei o meu caminho.

**SC: Eu queria perguntar sobre esse período, mas primeiro eu tenho algumas coisas que você já falou e eu queria só clarificar. A primeira é que você falou que você fez concurso e que os metalúrgicos procuravam você, concurso para quê?**

AT: Para entrar na empresa metalúrgica, que se chamava Companhia Siderúrgica Mannesmann, era a maior empresa, e única, que fazia tubos de aço sem costura no mundo, era famosa. E eu trabalhava no setor de administração e tal, mas esse concurso ele era usado para todos, tinha dez mil funcionários, e todo mundo tinha que fazer esse concurso, que era uma...

**SC: Mesmo quem trabalhava...**

AT: Qualquer serviço, era um concurso que era assim, o conhecimento variava, uma parte da prova era de conhecimento, você conhecer português, matemática, isso você tinha que fazer operações e tal. E tinha uma outra parte que se chamava psicotécnico, nessa época era muito importante que essa era uma forma, a gente achava que sempre psicotécnico era uma forma de o capitalismo estudar a gente para ver se a gente vai produzir bastante para eles, se a gente é muito trabalhador ou não, interesse no trabalho. E todo mundo tinha medo desse psicotécnico naquela época, o trabalhador morria de medo porque fazia as continhas lá e mesmo assim eu ensinava para eles as continhas, escrever, o que você tem que escrever minimamente, tem que escrever isso e isso, tem que fazer essas operações de multiplicação, de divisão, de subtração, assim, isso eu falava com eles e dava as dicas e tal. E a outra parte era o psicotécnico, que tinha uma dinâmica de grupo, tinha como você falar com o outro, imagina, então o pessoal morria de medo, de repente põe aqui num grupo e fala assim, olha, a situação, vamos dizer, a empresa está pegando fogo, o que eu vou fazer, entendeu? Vamos supor, era assim, situações assim, a empresa teve um apagão, não teve mais luz, o que eu vou fazer? Eles morriam de medo, o que eu vou fazer, eu vou tomar bomba aqui, eu vou perder a minha oportunidade de trabalhar, e era uma empresa muito boa, o salário era alto, metalúrgico naquela época era...

**SC: Mas você tinha formação universitária nessa época?**

AT: Não, não, minha formação universitária ela só vai acontecer no século XXI minha filha, só agora. Nunca estudei, assim, formalmente, eu estudei na escola do partido, estudava, eu fazia até traduções, muitas traduções.

**SC: Na escola do partido?**

AT: O partido, mesmo na clandestinidade você tinha que estudar, texto, prestar conta daquilo, e tal, não sei o que.

**SC: Ler Marx.**

AT: Ler Marx, Lenin, tinha um monte de coisas para a gente ler. E você tinha que fazer uma espécie de um seminário pequeno, com grupos pequenos, você vai ler isso e vai apresentar para três, quatro pessoas que eram muito pequenos os grupos porque não podia juntar muita gente nas casas. E aí a gente fazia, mas isso é um estudo que para o mercado de trabalho não vale nada, nada, só ficar, como se diz, esperta, porque você sabe ler e escrever, pelo menos ler e escrever você sabia.

**SC: Seus pais eram pessoas de formação universitária, pessoas de classe média?**

AT: Não, só trabalhadores, não tinha classe média não.

**SC: Metalúrgicos também?**

AT: Não, meu pai era portuário, trabalhava no porto, estivador, depois ele foi trabalhar na Fecover de Santos, que é perto aqui de São Paulo. Depois ele foi ser estivador, aliás, desculpa, depois ele foi ser ferroviário.

**SC: Já em São Paulo?**

AT: Não, lá em Minas.

**SC: Por isso você morava em Minas.**

AT: Exatamente, no golpe eu morava em Minas.

**SC: Mais duas coisas que você já falou: primeiro você falou que você ficava olhando as manifestações de mulheres conservadoras e ficava muito surpresa e triste de ver muitas mulheres populares, negras, pobres, trabalhadoras aderindo a esse movimento conservador. Como você interpreta isso hoje?**

AT: Eu tenho muito claro isso para mim. Eu acho, assim, que a esquerda, a esquerda sempre tem a pretensão revolucionária, embora agora esteja menos revolucionária, mas ela nunca deu importância para as mulheres, entendeu? Então as mulheres nunca foram, digamos assim, o foco da esquerda, a esquerda queria os trabalhadores, os, mas as mulheres não, porque as mulheres para eles, para a esquerda naquela época, e eu acho também que naquela época era muito claro isso, mulher só dá trabalho na organização, ela fica grávida, fica menstruada, se entra uma mulher que os homens todos zombam.

**SC: Então, outra coisa que eu queria clarificar é, quando as mulheres entravam no partido e questionavam, e você falou que você admirava muito, elas diziam coisas e tinham atitudes que você admirava. Por que você acha que você ficava nessa posição de olhar para elas com olhar de quem admirava? O que você admirava nelas? Eu queria saber a sua experiência e a experiência delas.**

AT: Eu vivia na clandestinidade, eu não tinha tido a experiência delas de conviver dentro do movimento estudantil, onde tem homens, tem mulheres, aliás, mais homens do que mulheres, naquela época, né? Mas tinham mulheres e eram muito mulheres intelectuais que estavam na academia, eu nunca tinha entrado na universidade. Eu era uma mulher de partido dentro do partido clandestina, então eu não tinha o mesmo traquejo delas não, não tinha o mesmo desenvolvimento intelectual delas, elas eram muito mais espertas, digamos assim, muito mais rápidas do que eu. E elas já vinham de uma reflexão coletiva enquanto mulheres, e eu não, eu nunca tive, eu só vou lidar mesmo com mulheres organizadas e atuantes em 1975 quando chega, que é aquele ano internacional da mulher que é promovido pela ONU, nós aproveitamos, agora nós vamos discutir as questões das mulheres mesmo sendo ditadura, porque eles não vão poder mexer com a gente. Era essa a ideia que a gente tinha, entendeu? Eu acho que a gente soube aproveitar muito bem, que o feminismo no Brasil aproveitou muito essa onda da ONU, entendeu? Porque a gente vivia massacrada, então ali eu vou ver as mulheres e vou ver que elas... já tem mulheres pensando o feminismo de forma mais estruturada, de forma mais avançada, mais ousada, aí eu já vou na onda delas, estou dentro desse movimento.

**SC: Eu entendo que naquela época com a abertura política chegavam mulheres que estavam na clandestinidade em Paris, ou em outros lugares da Europa e Estados Unidos que vieram com essas ideias sobre o feminismo, um feminismo de pessoas que estudaram, que entendiam a sociedade de outra forma. O que eu ia perguntar era que, mesmo assim, quando elas chegam aqui e vocês começam a criar movimentos feministas, usando a palavra feminista, havia muita reação, muita resistência. Por que você acha? Eu ouvi muitos falarem que o feminismo era um movimento burguês, ou então que o feminismo era uma imposição imperialista, era de fora, que nós somos o terceiro mundo, esse feminismo era da classe média burguesa do primeiro mundo. Como você acha que esse debate aconteceu aqui?**

AT: Nossa, aqui aconteceu muito dentro do meio acadêmico, dentro do meio sindical, dentro do meio intelectual, assim, de artistas e tudo, de ter essa resistência contra o feminismo. A esquerda foi muito contra o feminismo e as organizações políticas que ainda estavam na clandestinidade elas vão ser contra o feminismo, elas acham que o feminismo vai dividir a classe trabalhadora. Até essa bandeira que hoje você falou aí, da violência contra as mulheres, o pessoal de esquerda achava que nós não devíamos tratar dessa violência contra as mulheres porque quem bate na mulher seria um trabalhador, então você vai pôr um trabalhador contra uma trabalhadora, quer dizer. Então a gente estava vendo que isso já estava contra as mulheres independente de a gente se manifestar ou não, era uma realidade que já existia, não fomos nós que inventamos violência contra a mulher. Nós queríamos dar visibilidade a essa violência, para enfrentar. Agora, a questão do aborto: eles achavam que a gente não devia levantar a questão do aborto, porque tem até um artigo do Lênin, o Lênin defende o aborto, o pessoal fala que o Lênin não defende, mas defende, eu já até li, e tem outros comunistas que defendem teoricamente, tem lá nos livros e tal, e uma das comunistas daqui, os que aplicam o comunismo são muito atrasados demais e eles falavam assim: “não vai falar de aborto, porque vai afastar da igreja, e nós estamos chamando a igreja progressista para fazer uma frente”. Então nada você podia, todos os temas nossos eram postergados, é para depois. Não... e eu acho que quem fez o feminismo em 1975, o feminismo público, porque aí nós temos público, legalizado ou não, mas era público, a gente fez um jornal para mostrar para todo mundo e tinha muita repressão aqui,

não é abertura não, as pessoas confundem, muitas vezes as pessoas da História confundem. A repressão do tempo do Geisel, porque o Geisel vai até 1978, em 1978 é que entra o Figueiredo, essa repressão é a mais cruel, a mais perversa da história do Brasil, porque ali é que tem mais desaparecidos políticos. O Geisel não fez prisioneiro político nem assassinato, porque o Médici fazia assim: “terrorista morto em tiroteio”. Mas era tudo mentira, mas o Geisel não, o Geisel desaparece com as pessoas, com o corpo, essa é a maior tragédia que nós vivemos, que a gente vive até hoje, essas consequências, e isso se espalhou pelo Brasil afora, hoje tem desaparecido de todo tipo, haja visto o caso que ficou mais famoso que é do Amarildo, mas se você for pegar tem vários casos. Agora, então, em 1975 quando a gente vai para o público, a repressão é muito forte aqui, o Vladimir Herzog que é jornalista da TV Cultura, diretor, é morto, é assassinado dentro do DOI Codi. O DOI Codi está em plena atividade, entendeu? Mas nós vamos levantar nossas questões e já começar a pensar o seguinte: “não tem jeito gente, os partidos vão sempre achar que nós estamos sempre erradas, e na hora errada”, entendeu? Nós nunca chegamos junto, tanto é que nós vamos ser... Nós vamos fazer atividades do partido e atividades do movimento feminista, é quase que são duas atividades que são incompatíveis. Você faz uma coisa aqui e outra coisa ali, é a dupla militância, nós sempre fizemos a dupla militância. E essa dupla militância foi dolorosa para nós, foi dolorosa, porque você chegava junto às mulheres, “vamos fazer nossa luta, feminista, vamos fazer nossa autonomia”, chegava na luta com os homens, “não, isso não é prioridade, em vez de você discutir o aborto porque você não vai discutir a greve dos metalúrgicos na zona sul, é mais importante a greve dos metalúrgicos ser discutida”. A questão da sexualidade então eles achavam um absurdo. Eu vi comunista falando assim: “para a classe operária não existe sexo”. Quer dizer, eles entendiam a classe operária como assexuada, até é uma incoerência, porque eles não eram assexuados, isso eu tenho certeza, tenho certeza absoluta. É uma incoerência, entendeu, eles abstraíam a coisa como conviesse a eles e o sexo... eles eram da dupla moral, eles tinham amante, que depois se foi descobrindo, tem tudo né, mas é isso. Então foi esse o feminismo que nós, acho que nisso somos pioneiras, porque nós enfrentamos, nós enfrentamos tudo! Nós enfrentamos igreja, enfrentamos partido, nós enfrentamos direita, esquerda, todo mundo. E nós nem compreendíamos tão bem assim o feminismo, do ponto de vista teórico nós não tínhamos - olha gente, para ler uma página, duas páginas de feminismo era um achado, não tinha isso,



não tinha. O único livro de feminismo que tinha era o livro da Heleieth Saffiotique é aquele “A mulher na sociedade de classes” e tal, não sei o que, que é a tese dela, que era difícilimo para nós, gente, a gente ia ler aquilo, mas foi o único livro que nós lemos. Aí depois apareceu, assim...

**SC: Lembra a data que foi?**

AT: Ela apresentou em 1967, acho, 1967. Era o único livro, único. Nós vamos ver Simone de Beauvoir, alguém, descobre... que é velho, né, mas nós descobrimos nesses anos aí, 1970, aqui. Aí nós vamos ler a Simone de Beauvoir, nós vamos ver aquele artigo da Juliet Mitchell, “A revolução mais longa”, alguém traz Shulamith Firestone, que era uma americana. Alguém traz a Margaret Mead para nós, e assim que nós vamos descobrindo. Aí alguém traz a Alexandra Kollontai, porque falam “não, vocês estão lendo muita coisa de burguês”, porque Simone Beauvoir para eles era burguês, para eles e para elas, para muita gente. Então vamos ler também Alexandra Kollontai, aí tinha algumas coisinhas da Inês Armand, que era amiga do Lenin, a Rosa Luxemburgo, nós lemos a Rosa Luxemburgo um pouco, mas ela não tinha, assim, ela não tratava do feminismo, os documentos, pelo menos que chegavam para nós, eram mais de economia, mas a gente lia também, a gente tentava. Aí já era uma frente de esquerda, nós criamos uma frente de esquerda. É interessante porque tinha tudo quanto era organização política esquerda clandestina, estava tudo sentado, assim, dava umas trinta mulheres, às vezes passava o domingo inteirinho fechadas ali estudando, uma lia mimeografado, pedacinho de informação... Aí as que estavam exiladas em Paris, principalmente, elas começaram a mandar texto para nós, e fazer críticas, porque elas achavam a gente muito machista, porque lá em Paris já estava se discutindo outras coisas. Mas o nosso feminismo foi muito arrancado das nossas entranhas, foi muito sentido...

**SC: Então são essas pessoas que você fez o primeiro contato no presídio e depois, quando todo mundo saiu, já faziam esses grupos? Eram mais comunistas, ou eram de outros partidos?**

AT: Era de tudo quanto era partido, mas todos eram proibidos, todos eram clandestinos. Todos eram proibidos e todos eram clandestinos. Agora, são mulheres que a gente vai conhecendo no processo.

**SC: Estudava na casa de uma numa semana, na casa de outra na outra semana?**

AT: A gente às vezes sim, mas nós chegamos até a alugar uma sede para nós, nós chegamos a pedir a Ruth Escobar, que era uma artista famosa aqui no Brasil nessa época que nos desse uma... Ela nos cedeu uma casa dela, porque ela tinha muitas casas, uma casa vazia, ela falou, faz lá e fica lá dentro.

**SC: Alguém era amiga dela, e aí ela...**

AT: Nós fomos lá pedir para ela, ela deu a chave e fomos. Então era assim, depois nós conseguimos que cada uma desse um dinheirinho e a gente alugou uma salinha lá na Vila Madalena. Olha, a gente fez de tudo, de tudo.

**SC: E quando é que você saiu do Partido Comunista?**

AT: Eu não saí, eu fui expulsa. Eu nunca saí, eu nunca saí porque o seguinte, eu nunca achei errado o comunismo, eu acho bonito o comunismo, eu acho que todo mundo tem que ser tratado igual, justiça para todo mundo, terra para todo mundo, comida, todo mundo poder estudar. Eu queria que todo mundo tivesse isso, não ficasse na mão... não é assim. Quem pode ter, tenha, e quem não pode nós temos que ajudar a ter também, eu penso assim. Então esse princípio do comunismo eu jamais vou abandonar, eu tenho muito orgulho de que fui assim minha vida inteira, aprendi assim com meus pais. Com meus pais era assim: chegou ali com fome, vai, entra lá na cozinha, meu pai podia chamar um mendigo, entra lá na cozinha, comer, entendeu? Não vai ficar com fome não, vamos dividir aqui e vamos comer todo mundo. Agora, esses comunistas não são assim, eles não são assim. Então eu vejo que, assim, eu sempre fui muito idealista, eu sempre fui muito romântica mesmo no desenhar um mundo comunista. E eu acho bom, a gente tem que ser. E eu fui expulsa por

causa do feminismo, por causa do feminismo e por conta de outras políticas muito sujas que eles fazem. Partido, eu não gosto de partidos, até hoje. Eu fui expulsa já faz, sei lá, deve ter quase trinta anos que eu fui expulsa. Mas eu fui expulsa até antes, oficialmente eu fui expulsa há trinta anos, mas isso foi uma política, o partido quando começou o processo de... Enquanto estive clandestina eu não me arrependo de ter sido do partido não, porque não tinha outro jeito. Na ditadura não tem não, você tem que ter um grupo, porque como é que você vai sobreviver fazendo política? Agora, depois, quando foi nesse processo de redemocratização, eles queriam cargo no governo, eles queriam ser eleitos de qualquer jeito, entendeu? Voto do povo de qualquer jeito, ficar manipulando opinião pública e eu não gosto disso, eu acho que não é por aí, porque, não é, entendeu? Por exemplo, essa história, eu preciso ir para o poder porque eu vou melhorar a vida do povo, que é isso que eles pensam. Só que vão para o poder de qualquer jeito, com qualquer acordo. Acaba dando mais ênfase ao acordo do que ao povo, entendeu? Então isso eu não concordo. E o feminismo [para o partido] era insuportável, eu fui expulsa por causa do feminismo, fui expulsa. Tanto é que eu vou fazer a minha defesa, aí eu sou escolhida pelo movimento feminista do Brasil todo para defender a legalização do aborto na constituinte, eu que sou a pessoa que eu vou lá falar. Que até não tem nem um registro disso, mas eu que fui lá fazer o discurso e falar da legalização do aborto. Eu fiz o discurso, lógico, com várias mãos de mulheres fazendo junto comigo e tudo, mas quem foi lá apresentar fui eu, no dia 26 de agosto de 1987. Esse dia eu fui lá, e no dia 28 de agosto de 1987 eles me expulsaram. Eles não suportam, entendeu? Eles não suportam, e eles são muito cínicos, eu não gosto deles, porque eles, você vê, eu sou de um partido que fez a guerrilha do Araguaia. Quantos militantes morreram ali e são desaparecidos até hoje, eu tenho meu cunhado, tem o pai do meu cunhado, tem outro cunhado, e meus amigos, tinha amigo ali que eu tomava café ali com eles, a gente morava naqueles aparelhos na clandestinidade, entendeu? E eles nem dão a menor importância, nunca deram nenhuma satisfação às famílias. Eles tinham que procurar as famílias e falar, olha, aconteceu isso aqui, mas não, eles não, acham que não têm que dar satisfação a ninguém. Tem que dar, entendeu, eu não estou discutindo nem se é certo ou errado fazer guerrilha, eu não estou discutindo isso. Mas eu acho que se nós fizemos uma guerrilha nós temos que explicar, nós fizemos, a gente tinha essa intenção, achava que fazendo assim a gente ia chegar assim, não deu certo, os nossos companheiros

foram mortos ou desaparecidos, mas nós vamos nos responsabilizar ou nos imbuir dessa responsabilidade de buscar junto com vocês o resto da vida, não é? No mínimo né?

**SC: Seus pais sobreviveram?**

AT: Não, meus pais morreram, mas morreram mais de tristeza, de velhice. Não velhice, porque minha mãe morreu da minha idade, praticamente, com a minha idade, mas é de... Foi muito dura a vida deles na clandestinidade. Foi muito dura, muito dura.

**SC: Falando desse período e já fazendo uma ponte com o período mais recente, você falou que 1975 foi o ano internacional da mulher, que isso deu muita força aqui no Brasil para falar sobre o feminismo, sobre os direitos da mulher. E depois acabou a ditadura, nesse período onde, pelo menos para os sociólogos, as pessoas que estudam esse momento no Brasil e na América Latina em geral, é um momento que chamam de novos movimentos sociais, que são justamente isso que você está falando, pessoas se mobilizando sobre assuntos que são fora dos partidos tradicionais, de esquerda e tal. E como você vê a importância dos movimentos feministas internacionais em promover um movimento e também em ajudar a definir os assuntos, que sejam no Brasil, e ajudar a definir a estratégia? Por exemplo, especificamente você estava envolvida com o primeiro caso de violência contra a mulher que foi ser ouvido na comissão de direitos humanos, antes mesmo do caso mais famoso, da Maria da Penha. Como que essa estratégia de usar instituições internacionais vai influenciar o crescimento e a aceitação maior do feminismo dentro do Brasil? E quando você acha que isso aconteceu, porque nos anos 1970, e até nos anos 1980 havia muita rejeição mesmo das próprias mulheres mobilizadas, rejeição do termo feminismo, o conceito que ainda era visto como um conceito burguês, ou imperialista. Como que isso ia mudando e como a influência internacional ajudou ou não essa mudança?**

AT: Essa mudança se dá internamente também, porque o Brasil quando começa um processo de redemocratização começa a ter mais liberdade. E a liberdade ajuda muito a

desenvolver as ideias, o pensamento, a criar novas formas. E aí houve um processo muito também de globalização, quer dizer, os anos 1990 são anos de muitos encontros internacionais, onde as feministas brasileiras vão encontrar com outras e umas vão para a Europa encontrar, para os Estados Unidos, outras vão para a América Latina. Então já tem aqui no Brasil os encontros, que agora pararam, mas tinham os encontros nacionais feministas e tinha os encontros latinoamericanos feministas. Quantas feministas a gente conheceu e aprendeu com elas. Nós víamos mulheres, assim, expressando aquilo que a gente tinha vontade de falar, elas falavam com mais facilidade. Então a gente ia vendo que a gente podia avançar, eu acho que elas ensinaram muito para as brasileiras, porque nós brasileiras somos muito, assim, participantes, muito ativas, mas elas às vezes são mais introspectivas e mais profundas, então a gente ia nos aprofundando mais nessas políticas, nessa autonomia, na solidariedade internacional, que eu acho que cresceu muito, nós temos que ser mais solidários entre nós, como é que nós estamos levando os princípios do feminismo, o direito de decidir o próprio corpo, a nossa sexualidade, o pessoal é político... Essas discussões se estendiam muito mais, foi muito bonito a gente conhecer tudo isso e eu acho que isso foi um processo assim, a gente acabou se, cada uma de nós foi se integrando mais com um determinado grupo do exterior, de outros países, e a gente foi... Logo depois veio a internet que facilitou muito, gente, nossa! Porque antes você tinha que escrever uma cartinha e até chegar aquela cartinha... já fiz muito isso, agora não, você põe, sentou lá, então... Isso cresceu muito, as possibilidades dessa convivência e só foi enriquecendo e foi também nos ensinando que muitas das questões que a gente trazia aqui tinham lá também, eram muitos pontos em comum. Isso que eu achei interessante, porque gente, de repente estamos aqui discutindo uma coisa e elas estão discutindo lá outra coisa. Foi muito bom, esse processo todo foi muito bom.

**SC: E tem pontos de crítica também? Porque, por exemplo, Shulamith Firestone que você falou que leu nos anos 1970 na clandestinidade e outras dos Estados Unidos e internacionalmente faziam uma crítica muito forte às feministas de classe média alta americanas ou europeias por serem, por não pensarem, por acharem que o feminismo era um só e que ignoraram as diferenças entre mulheres. Vocês entraram nesses debates aqui...?**

AT: Nós entramos até hoje, isso é uma discussão atual. Ela vem há quatro décadas, há quarenta anos, mas ela é atual. É engraçado, porque eu ainda participei agora, ontem, antes de ontem, participei de um encontro feminista aqui perto e as mulheres estavam levantando isso, quer dizer, que ali só tinha mulheres mais da classe média, brancas, e cadê as negras da periferia, cadê as indígenas, cadê as trabalhadoras? Essa é uma discussão que a gente vê muito claramente que o feminismo carrega no seu bojo essa contradição. Porque o feminismo... todas as mulheres do mundo são discriminadas, de qualquer classe social, de qualquer raça e etnia, de qualquer orientação sexual, de qualquer faixa etária, de qualquer território... As pessoas falam dos muçulmanos, mas também nos Estados Unidos também tem, na França temeu vejo. Agora, as mulheres são desiguais. Entre nós há muita desigualdade, desigualdade que eu falo, assim, social, econômica, política. É muito forte essa desigualdade. E como é que você combina isso? Eu acho que o feminismo sempre vai trazer essa contradição. Até, se for possível, no meu sonho eu gostaria que a sociedade fosse pelo menos mais igualitária, e aí as pessoas seriam menos desiguais, independente de serem mulheres, homens, não interessa, mas teria. Mas hoje, nossa, o Brasil hoje vive uma turbulência política enorme. Hoje nós vivemos porque eu acho que quando a esquerda foi para o poder ela esqueceu, ela fez um monte de coisas, mas ela fez questão de não deixar o povo se politizar. Ela fez questão de que o povo não conhecesse a sua história, porque ela fez muitos acordos espúrios, entendeu? Muitos acordos espúrios com a direita, com os conservadores, agora o troco está vindo nas ruas, porque é muito cruel você ver aqui na Avenida Paulista que são oito quarteirões, você ver torturador na rua, no trio elétrico, fazendo discurso, pedindo a volta da ditadura, dizendo que o erro que ele cometeu foi não ter matado todos nós, devia ter matado todos nós, e meninhas de quinze, dezesseis anos fazendo selfie com eles, assim, põem no Facebook. Ah, isso dói, isso me dói. Eu vejo isso hoje, e eu falo assim: qual é a nossa responsabilidade nisso? Aqui a ditadura acabou - acabou nunca, porque ela está aí -, mas ela foi considerada redemocratização, como se fossem coisas estanques. Tem todo um processo que não se acaba com um decreto, nem decreto aqui teve para acabar com a ditadura. Mas não se acaba, quer dizer, você permite que as instituições continuem cultivando as ideias mais atrasadas, as ideias fascistas. Nós temos um monte de instituições fascistas aqui dentro, inclusive as forças armadas, exército,

marinha e aeronáutica, eles ficam comemorando, em nome da pátria, eles ficam comemorando uma série de eventos desastrosos para a vida nacional. E nós estamos vivendo isso. Então essa turbulência ela acaba recaindo também no movimento feminista, porque o movimento feminista, os movimentos feministas, são mulheres muitos desiguais e são mulheres de experiências políticas, de engajamentos políticos muito diferentes. E com essa turbulência cada um faz uma leitura, porque essa turbulência agora vem tão rápido, ela vem muito rápido, o Brasil parecia que estava vivendo aquele... Todo mundo falava “ah, aqui é tudo oba, oba, mas tem bolsa família, tem isso, o povo está bem, tem emprego (...)”

**SC: Então, continuando a conversa, você estava falando sobre a diferença entre mulheres, que até hoje muito grande, que há quarenta anos é muito grande e eu queria saber se no início desse movimento que você estava falando de mulheres feministas dos anos 1970 para 1980, que começavam a formar os primeiros grupos propriamente ditos feministas, se as mulheres que estavam organizando se elas tinham já, vocês tinham essa consciência das diferenças entre as mulheres e se tinham muita resistência com o feminismo por achar as feministas todas de classe média alta, ou todas de um determinado grupo social. Você vê que isso mudou, ou que não mudou?**

AT: Eu acho assim, que quando a gente foi inicialmente organizando os grupos feministas, nós viemos da esquerda, nós éramos militantes de esquerda, a grande maioria. Havia uma ou outra solta, assim, mas a maioria era.

**SC: A maioria era de classe média alta ou a maioria era formada em universidade?**

AT: Tinha muitas da universidade, muitas, eu não diria que a maioria, eu não sei, mas era, eram poucas que estavam fora da universidade. As mulheres que discutiram feminismo aqui, pelo menos aqui em São Paulo, eram mulheres de classe média e mulheres da universidade, mulheres intelectualizadas. E eram mulheres que vinham da esquerda e que tinham muito forte o formato da luta de classes, e buscavam no marxismo e na luta de classes como organizar o feminismo. Eram muito pautadas por essa ideia, até porque era a

experiência que elas tinham, concretamente. Então eu acho que elas e eu, eu sou uma intelectual, assim, autodidata, porque quem é, mais assim, mas também sou uma intelectual nesse sentido, assim, de indagações, digamos assim. Não sou uma acadêmica, mas eu sou cheia de indagações, vamos dizer assim. E aí nós tínhamos esse formato, mas eu percebia a desigualdade entre as mulheres porque nós sempre falamos, até porque eu era muito ligada na biologia, eu cheguei a entrar numa faculdade de biologia, só que eu não pude continuar porque veio o golpe militar, mas eu tinha aquela ideia de bióloga – só ideia, porque eu não sei nada de biologia, se você me perguntar eu não sei nada. E aí nós temos, a biologia tem muito aquela ideia das diferenças, nós somos todas diferentes, biologicamente nós somos todas diferentes, tanto é que tem impressão digital, tem o tipo de cabelo, tem tudo. Agora, a desigualdade é que a gente frisava muito, a desigualdade é social, é construída pela sociedade. Porque eu ter o olho azul, e o outro verde, marrom, preto, é uma questão mais da biologia mesmo lá, da genética. Agora, eu ser pobre e você ser rica, isso foi uma construção social, então a gente tinha um pouco essa ideia no início, mas nós não tínhamos nenhum traquejo de como lidar com isso, porque todo nosso modelo era luta de classes. Então você queria pôr todas as nossas diferenças e desigualdades que são duas questões, eu me lembro bem que na primeira manifestação aqui, que eu até escrevi no meu livro, naquele livro “Breve História do Feminismo”, a primeira manifestação do 8 de março, que foi em 1976, nós fizemos um ato dentro ali do MASP, do auditório do MASP, e quando nós... E apareceu, tinha lá quem vai falar, tinha muita polícia, muita gente infiltrada, muita gente de olho nas feministas, então a gente discutiu quem deveria falar, quem começava, quem falava, como falava, tudo era muito medido, muito pensado, ou seja, a gente não tinha... a espontaneidade não podia prevalecer nas nossas falas, dado o perigo de a polícia te prender ali. E uma moça apareceu, não sei como, ela era preta, ela era lésbica e ela tinha vindo dos Estados Unidos, ela estudou lá, e ela apareceu falando do feminismo, do que é ser lésbica, do que é ser negra. Gente, aquilo causou um espanto tanto na polícia quanto em nós todas, e eu até escrevo isso, e ficaram mais assustadas do que a polícia as próprias feministas, a maioria branca, ficaram assustadas de ver aquela mulher porque... de ela falar aquilo, com medo daquilo, principalmente da homossexualidade, talvez. Eu acho que na hora foi a questão da homossexualidade que assustou mais do que ser negra, eu tenho essa impressão, porque todo mundo chamava a gente de sapatão, ou seja, lésbica para o povo é



sapatão, o povo chama de sapatão, então todas nós éramos sapatonas, as sapatonas, as sapas. E as feministas, aquelas, naquele ano não queriam ser confundidas com sapatonas, porque já somos assim consideradas. O que é uma besteira, né? Já que é considerada e hoje as pessoas perguntam, você é sapatona? Sou, menina, por que, você está vendo, deu para perceber que eu sou ou não? Eu tiro sarro, ah, vai... Que diferença faz se eu sou sapatona ou se eu não sou? Então, mas isso era muito, a repressão sexual era muito forte, muito forte mesmo, então a mulher lésbica e preta que apareceu ali foi um escândalo. É um escândalo tão grande que ninguém lembra disso, só eu, eu que escrevi. Ninguém. Às vezes eu encontro com colegas que foram daquela época: “você lembra daquele...”, “gente, mas tinha essa mulher?” Eu falei, tinha, que todas nós ficamos assim, “olha!”. E eu achei bonito, eu sempre acho bonito nas mulheres, “nossa que corajosa, gente”, mas eu pensei, também, ela veio dos Estados Unidos, que Estados Unidos já estava numa outra discussão, estava num outro patamar, e nós aqui estávamos numa ditadura.

### **SC: Que ano foi isso?**

AT: Março de 1976. Nós conseguimos reunir trezentas pessoas, assim, nós e a polícia, porque a polícia também reuniu bastante, então ficamos nós e a polícia. Mas nós fizemos. Foi um negócio, assim, forte, para nós foi forte, primeira vez que eu pude não só preparar um 8 de março, mas estar lá atuante, lá participando, que eu nunca tinha participado de um 8 de março na minha vida. Então eu achei muito bonito aquilo, muito legal. E, quer dizer, nós não sabíamos trabalhar com essa desigualdade, essa que é a realidade. Mas nós tínhamos consciência, a gente queria, tanto é que eu vou te mostrar: o Brasil Mulher, a primeira capa é uma mulher preta, jovem, descalça, grávida, brincando com uma criança, quer dizer, nós queríamos dar visibilidade para essa mulher, a gente queria dar visibilidade, essa mulher que é a razão do nosso feminismo, entendeu? Mas a gente não sabia lidar com aquilo, eu não sabia lidar. Eu me lembro que teve num dos encontros também de mulheres, que esse eu não escrevi sobre isso, mas até devia escrever, uma hora eu vou escrever sobre isso, eu não lembro de ter escrito não, mas até vou procurar se eu escrevi ou não, estou falando que não, mas às vezes escrevi, que eu me lembro tão forte, assim, na minha cabeça, que uma mulher ela levantou e falou assim: “aí está faltando a

mulher negra”. Nós dissemos “não, aqui são mulheres”, quer dizer, nós procuramos neutralizar ou abafar a pergunta dela, entendeu? Foi uma coisa, assim, meio feia, eu fico pensando, que coisa feia. Porque não tinha mulher negra mesmo onde ela estava perguntando, lá na mesa, tinha lá embaixo, entendeu? Foi até na PUC, no teatro da PUC. E teve também um evento aqui que ficou bravo que isso muitas americanas até, sei lá, já escreveram sobre isso que foi 1985 no encontro de Bertioga, o feminista latinoamericano, que chega um ônibus de mulheres pretas do Rio de Janeiro que não entra, elas ficam do lado de fora. E aí então vem toda a discussão, é racismo, não é racismo, quer dizer, a alegação da coordenação é de que elas não tinham sido, não tinha inscrito.

**SC: Tinha que pagar para inscrever.**

AT: É, tinha que pagar para inscrever. A coordenação tinha uma certa razão porque quem ia pagar era a coordenação, entendeu? Elas tinham que ter dinheiro, tinha que tirar dinheiro de algum lugar. Mas por outro lado podia propor, para o encontro, todo mundo, vamos cotizar que mais negras vão entrar, entendeu? Não podia? Não, ficou uma luta feia, foi feia, quer dizer, ou seja, as negras, eu posso falar sem medo de errar porque eu participei de muita coisa, muita luta, as negras quiseram entrar para o feminismo, mas o feminismo não aceitou, entendeu? Não incorporou num primeiro momento. E hoje tem muito feminismo negro aí que questiona o feminismo branco e tem gente que fala, mais uma vez está repetindo os Estados Unidos, mas não é, os Estados Unidos são racistas, o Brasil também, por isso que repete, o Brasil é machista e os Estados Unidos também, então repete, quer dizer, quando esses homens vêm falar que nós estamos imitando europeia e americana eu falo: “e vocês? Marx quem que era, não era alemão?”. Nem brasileiro era, então, quer dizer, vocês também estão, bobagem, o problema não é imitar, o problema é o que você está propondo. Eu estou querendo imitar a feminista porque eu quero propor o feminismo para nós, por isso que eu quero imitar, essa que é a importância, se você é feminista e eu procurar te imitar, não, eu quero ler, eu quero fazer suas coisas, não tem importância, se eu quero fazer o feminismo. O problema é que eles são contra o feminismo, aí ficam inventando essa história, entendeu? Agora, as negras quiseram participar, elas quiseram. Elas quiseram que a gente entendesse o racismo, e acho que isso nós não favorecemos –

nós que eu falo o feminismo branco, não favoreceu. E a outra questão que você pergunta é sobre a questão do sistema internacional de direitos humanos, é isso que você quer agora, ou não?

**SC: A gente tem que fechar, mas se você pode resumir rapidamente...**

AT: Porque a questão dos direitos humanos eu acho que nós aprendemos em duas vertentes: na questão dos desaparecidos políticos e na questão do feminismo. Foram dois movimentos que buscavam uma proteção internacional de direitos. Nós aprendemos a respeito de direitos na Constituição, na luta de 88 com a Constituição Cidadã, que foi pela primeira vez no Brasil que nós tivemos, ainda que faltando alguns direitos, que nós tivemos igualdade formal de direitos, formal, não quer dizer que é concreto não, está aí a realidade, né. Mas nós conseguimos, e nós começamos a aprender a lidar com direitos foi lá, nessa luta. O feminismo ensinou para a gente. Por que, se a mulher está na casa e o homem está na casa, por que o homem é o chefe da sociedade conjugal? Por que o Direito diz, impõe? Aí nós começamos a discutir a questão da heteronormatividade, tudo é o Direito que vai estabelecer, que vai definir, por isso que eu estudei Direito, eu falei “a gente tem que desconstruir o direito conhecendo”, então por isso que eu fui estudar. E aí nós vamos conhecer também que tem um sistema interno de proteção de direitos e tem um sistema internacional. Aí nós vamos discutir, sim, sem as mulheres os direitos não são humanos, isso aí quem discute isso aí são outras mulheres que trazem aqui para o Brasil, não fomos nós que inventamos essa consigna, sem as mulheres os direitos não são humanos, foram outras mulheres latinoamericanas. Aí nós aprendemos que nós tínhamos que ter isso escrito em algum tratado internacional, foi aí que a Conferência de Viena em 1993 escreve lá na plataforma, na declaração no artigo dezoito que meninas e mulheres têm direitos intransferíveis... que são os direitos humanos. Nós vamos então conquistar a convenção de Belém do Pará, então essas conquistas vão... Esse processo, ao mesmo tempo que ele aprofunda a cidadania das mulheres, ele vai formalizando, estruturando a cidadania das mulheres e ele vai também instigando as diferenças. Então, a pessoa transexual ela vai ter direitos iguais? Tem, e como? Quais são os direitos que ela precisa para ter os direitos iguais? Então vão aparecendo outros segmentos. As pessoas negras têm direitos iguais?

Tem. E por que não tem direitos iguais? Está lá dizendo que todas as pessoas têm direitos iguais, mas as negras não têm direitos iguais às brancas, então o que precisa? Eu acho que a gente foi descobrindo, assim, estruturando melhor nosso pensamento em relação às diversas identidades e a diversidade começou a fazer parte do nosso vocabulário, e a gente a lidar com ela mais na política, É um processo, não é porque você se descobre feminista que você já descobre tudo, não, é um, processo, eu acho que a gente está sempre tentando descobrir como caminhar.

**SC: Isso leva à última pergunta, então. O que você acha que são as grandes conquistas que o movimento feminista fez no Brasil e qual é o grande desafio hoje?**

AT: Eu acho, que, assim, as mulheres no Brasil, conscientes ou não, elas têm mais autonomia, muito mais autonomia. Elas têm consciência de direitos. Hoje você vê mulher dizendo assim: “eu vou em tal lugar porque eu tenho direito de ir”. Isso é uma discussão que está presente no meio do povo, pelo menos nas áreas urbanas, que o Brasil é muito urbanizado, é enormemente urbanizado, e você vê essa consciência. Hoje uma mulher vai trabalhar, ela acha que ela tem que trabalhar, não precisa ninguém mandar, ela acha que ela tem que trabalhar, de alguma forma ela tem que ter dinheiro para ela ter independência. Ela escolhe, ela separa, não, as mulheres, em termos de autonomia, não é a que nós sonhamos, mas hoje as mulheres têm mais autonomia, têm mais direitos sobre o próprio corpo, as mulheres decidem mais. São até muito usadas por isso, mas elas decidem, elas são muito consumidas pela publicidade, você tem um padrão, um estereótipo de mulher e tudo, mas eu acho que as conquistas, assim, em termos de cidadania, em termos de autonomia, no mundo do trabalho... As mulheres hoje estudam mais do que os homens, as mulheres estão mais nas escolas do que os homens, isso não tem dúvida. Agora, do que as mulheres precisam, elas precisam de muita coisa. Você vê assim: nós estamos no mercado de trabalho mas nós ganhamos menos do que os homens, e conforme as nossas desigualdades nosso salário é menor. Você pode ver, as mulheres negras são as que têm o salário mais baixo, de toda essa pirâmide elas são com o salário mais baixo. Os homens negros estão ganhando menos que as mulheres brancas, em muitos casos. Então existe toda uma desigualdade aí que nós não resolvemos. Pelo contrário, o mundo acho que todo

aprofundou a desigualdade, o mundo está mais desigual do que nunca, e o Brasil acompanhou isso fortemente. O Brasil sempre foi um país desigual e continua, com todos os feminismos, luta antirracista, antissexista, antilesbofóbica, com todas as lutas nós não conseguimos mudar essa lógica do sistema de manter a desigualdade. Nós somos subrepresentadas na política. As mulheres, se não me engano, são maioria das eleitoras, do eleitorado nós somos a população maior, mas nós não estamos ocupando os cargos políticos, é muito baixa a nossa ocupação no espaço político. Nós somos um dos países mais... estamos lá embaixo no ranking, acho que é o centésimo vigésimo primeiro, outra hora é cento e... Centésimo, quinquagésimo, não sei o quê. Nós estamos lá atrás, nós estamos atrás do Iraque, para você ver, estamos atrás do Iraque, o pessoal fala, eu falo assim, ah é. Veja, todo mundo acha que o Brasil é só oba, oba, mas o Brasil é um país atrasado gente, e isso dificulta o avanço, a concretização da conquista. Muitas conquistas nós tivemos mais no campo formal do que no campo concreto. Acho que a violência contra as mulheres é assim: nós temos lei, nós falamos dela de manhã, de tarde e de noite, mas a violência não diminuiu. As mulheres são mortas, o assassinato aqui de mulheres, a cada duas horas uma mulher é assassinada no Brasil por violência de gênero e agora nós estamos vendo em todo o parlamento brasileiro nas suas divisões aí, municipal, estadual, nacional, o parlamento mais conservador da história do país desde 1964 com certeza, para não falar dos outros, porque os outros devem ser, vocês são historiadoras e devem ver que o Brasil tem uma história terrível de política atrasada, conservadora, elitista. Então nós vamos ver o seguinte: que gênero não pode estar no Plano Municipal de Educação, aqui na cidade de São Paulo, gente. São Paulo não é qualquer coisa, São Paulo é a maior cidade do Brasil. É a cidade que tem as primeiras políticas públicas para as mulheres, aqui que vão ser experimentadas. A primeira delegacia da mulher é aqui em São Paulo, o primeiro conselho da condição feminina, quer dizer, o primeiro órgão público para tratar de políticas públicas para as mulheres é criado aqui em São Paulo. Você vê, São Paulo tem umas coisas que é um absurdo, gente. O primeiro serviço de aborto legal foi feito aqui em São Paulo, ali no Hospital Jabaquara. E agora não pode trabalhar com gênero, você acredita? Não pode nem falar em gênero. E é assim, não são os partidos conservadores, os partidos de esquerda todos votaram assim, o PT não sei o que...

**SC: No estado...?**

AT: Municipal. Só teve dois vereadores homens que votaram a favor de gênero, portanto o gênero perdeu, porque dois não dá para...

**SC: Pode dizer o nome, o plano...**

AT: Municipal de Educação.

**SC: A cada dez anos, né?**

AT: Que faz, eu acho que é né? Não, é ridículo você ter que explicar para esses vereadores, e não é só aqui em São Paulo não, eu estou falando aqui de São Paulo. Campinas, eu estava lá também, no domingo também votaram contra, eles estão orquestradamente, articuladamente, os fundamentalistas, em todos os espaços de poder fazendo essa política retroagir, então você vai ver o... É triste você explicar para os vereadores que já existe até a ONU Mulher. Gênero é uma categoria já adotada em todo o mundo, entendeu, a ONU...

**SC: Só para explicar que o movimento é contra incluir o estudo de gênero dentro do plano educativo para os municípios no Brasil.**

AT: O movimento conservador, o movimento fundamentalista. O movimento de mulheres não. Então somos nós, as feministas, nós estamos hoje em termos institucionais, assim, das instituições, nós estamos totalmente isoladas, estamos totalmente excluídas. Porque não basta eu estar lá, tem que estar lá minha ideia também, minha proposta política. Essa não pode, quer dizer, não se pode falar mais de aborto, o Brasil é um país em que não se pode falar mais a palavra aborto. Aliás, gênero, eu já vi duas professoras universitárias falarem comigo que estão com medo de falar em gênero dentro da universidade. E duas mulheres assim, feministas, de esquerda, que sempre atuaram comigo, não é mulher qualquer não, entendeu, que eu vi na rua falando. Elas falaram “estou com medo, Amelinha, porque eu estou sendo ameaçada, eu recebo na internet ameaças de alunos, de professores, de não sei

quem, de desconhecidos, falando que eu sou assassina de crianças, porque eu falei da legalização do aborto, que eu estou querendo acabar com a família brasileira porque eu estou falando de gênero...” Então as pessoas estão com medo. Eu fiquei admirada quando eu vi duas feministas falando isso para mim eu falei, gente, nós estamos vivendo um processo rápido, tão rápido de retrocesso que nós não conseguimos nem raciocinar o que fazer, ainda estamos na perplexidade, digamos assim.

**SC: Nesse sentido eu vou fazer mais uma pergunta, a última mesmo. O que você acha sobre essa nova geração de feministas, as mulheres novas mesmo, que estão saindo...?**

AT: Eu acho ótimo, primeiro, eu acho ótimo, porque o feminismo...

**SC: Mas você acha significativo, o que significa em termos da esperança para o futuro.**

AT: Muito, gente, muito, porque hoje toda universidade que eu vou, eu vou muito fazer palestra em universidade, todas têm coletivo feminista, todas estão chamando a gente para discutir, porque elas acham que a gente tem alguma... Isso que eu falo, eu não tenho nenhuma fórmula de resolver problemas, não tenho, mas o processo... nós temos que conversar e se entender porque às vezes elas querem alguma mágica de ter algum... Claro, mas eu entendo, a inexperiência delas, são muito jovens, então elas acham que você vai tirar aqui da manga um coelho, um chapéu, uma estrela, não vou tirar. Mas eu acho muito bom que tenha feminismo porque isso é a renovação do feminismo, isso é manutenção, isso é a continuidade da luta. Daqui a um tempo eu já vou estar fora do planeta e elas estão aí continuando. Eu acho isso muito bom. Agora, evidentemente que num momento desses de turbulência existem algumas ideias estapafúrdias em nome do feminismo, existe. Eu colocaria assim, duas questões que me incomodam. Uma é, assim, um horror aos homens, um medo dos homens, entendeu? Medo até entendo, mas repudiar os homens, eu falo “não é por aí gente, que isso é muito biologicismo, ficar com raiva de homem porque é um homem”, você entendeu? Eu acho muito... E o determinismo biológico nós já enfrentamos até teoricamente, na prática com a categoria gênero já desnaturalizou essas desigualdades,

essas diferenças, portanto não vamos ficar com raiva de homem porque é um homem. Nós vamos ficar, sim, nós somos contra o machismo. E a outra coisa, assim, é o horror que têm, assim, existe uma proposta de muitas feministas aí de fazer a abolição da prostituição, de uma forma que eu acho, assim, muito agressiva contra as prostitutas. Isso me incomoda muito, porque...deixa as prostitutas gente. Nós aqui mesmoeu não estou te falando, que nós sempre fomos chamadas de putas, qual o problema? Vamos discutir, vamos tratar dessas questões. São pessoas que têm direitos. Eu não posso ficar fazendo campanha contra a prostituição, você entendeu? Eu tenho que conversar e lidar e trabalhar com as prostitutas. Eu acho muito moralismo, eu vejo essas meninas, é claro que são setores, não vou dizer que são... Geralmente da universidade, essas meninas. Elas vão e se ajuntam com essas freirinhas, sabe essas freirinhas que andam com terço e são contra...